

O ENUNCIADO DO ALUNO E A VARIAÇÃO DE TOM NO GÊNERO DISCURSIVO CARTAS



THE STUDENT'S UTTERANCE AND THE VARIATION OF TONE IN THE DISCURSIVE GENRE LETTER

Lucimary Gonsalves Bajon Rodrigues
UFSC, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 13/11/2017 • APROVADO EM 01/03/2018

Abstract

We present an analysis of personal letters written by beginner level students in Spanish, which were addressed to different interlocutors. The aim of this study is to investigate how the presence of different types of interlocutors influences the author's utterance regarding tone. The work is guided by the socio-historical conception of language, in accordance with the assumptions of Bakhtin.

Resumo

Apresentamos uma análise de cartas pessoais escritas por alunos de nível iniciante em língua espanhola, as quais foram dirigidas a diferentes interlocutores. O alvo dessa apreciação é investigar como a presença de diferentes tipos de interlocutores influencia o enunciado do autor no que diz respeito ao tom. O trabalho é orientado pela concepção sócio-histórica de linguagem, em conformidade com os pressupostos de Bakhtin.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Personal letter gender. Authorship. Interlocutor. Tom. Style.

PALAVRAS CHAVE: Gênero carta pessoal. Autoria. Interlocutor. Tom. Estilo.

Texto integral

1 INTRODUÇÃO

O gênero discursivo carta pessoal já ocupou um lugar relevante nas relações interpessoais. Segundo Silva (2002, p. 52), “na história das práticas comunicativas mediadas pela escrita, [...] foi um dos primeiros gêneros textuais que viabilizou a construção de relações interativas à distância”, constituindo um espaço para práticas sociais de linguagem na esfera do cotidiano.

Atualmente as novas tecnologias vêm inserindo os interlocutores em novos gêneros discursivos. Atraídos pela instantaneidade da comunicação proporcionada pela rede mundial de computadores, associada à telefonia celular, as pessoas mais velhas têm-se afastado do gênero epistolar, enquanto que as mais novas nem chegaram a se envolver em práticas de linguagem mediadas por cartas pessoais. Como destaca Silva, os gêneros discursivos são “fenômenos sócio-históricos e culturais que se transformam, redimensionam-se, desaparecem, reaparecem, como também outros novos são criados” (SILVA. 2002, p.31).

Um exame a livros didáticos de Língua Portuguesa mais antigos revela que o gênero discursivo carta pessoal já ocupou espaço nestes manuais. Entretanto, as novas tecnologias estão demandando destes livros a presença de outros gêneros a serem abordados nas aulas de línguas. Outra constatação que reforça o enfraquecimento da visibilidade do gênero discursivo epistolar é que pouco se tem escrito sobre ele. Mas, independentemente desses aspectos, Silva ressalta ser “digno de nota, na história das práticas epistolares, o fato de que a carta é gênero que teve importante influência no surgimento e na formação de outros gêneros textuais” (SILVA, 2002, p. 55).

Ainda que a carta pessoal, efetivamente, configure-se como um gênero de uso bastante restrito em nossos dias, dada a sua importância histórica e suas possibilidades expressivas, ainda encontra algum lugar nas práticas de escrita escolares. O presente artigo analisa enunciados oriundos de um projeto que se pauta

nesse gênero discursivo e apresenta uma análise na qual o foco são as questões pertinentes a alguns constituintes do gênero discursivo carta pessoal, a saber: autor, interlocutor e tom.

A questão autoral é uma das bases para este trabalho que se funda na forma como os autores se enunciam. Optamos por empregar o termo *autor*¹, em conformidade com o postulado de que “todo texto tem um sujeito, um autor” (BAKHTIN, 2003, p. 331), cuja “condição humana implica que sua consciência é socialmente constituída no/pelo discurso” (SILVA FILHO, 2013, p. 81). Analisamos os enunciados construídos pelos autores na cadeia da comunicação discursiva, na qual o autor tem um projeto de dizer dirigido a um interlocutor e este último desempenha um papel relevante na construção autoral. Segundo Silva Filho (2013, p. 81),

a posição enunciativa de autor implica ocupar um lugar de dizer. Essa é sempre uma posição relativa. O autor, como sujeito de um dizer, só pode existir relativamente a um interlocutor, a quem seu enunciado se dirige. A posição de autor só pode existir na interlocução. [...] o interlocutor é constitutivo para o autor.

Ao centrar no autor e no enunciado que este dirige ao seu interlocutor, esta pesquisa analisa dez cartas que foram produzidas por cinco alunos de nível iniciante em língua espanhola, participantes do projeto “Intercâmbio através de cartas”, e enviadas para as cidades de Assunção, no Paraguai, e Carrara, na Itália, durante o primeiro semestre de 2017. Cada aluno escreveu duas cartas, respectivamente endereçadas às referidas cidades. As cartas enviadas para Assunção foram escritas para um interlocutor identificado apenas como aluno de uma escola profissionalizante de nível médio. Por sua vez, as cartas enviadas para Carrara foram escritas para um interlocutor específico, em resposta a uma carta recebida da referida cidade italiana. Pretende-se investigar como o projeto de dizer do aluno no gênero discursivo carta pessoal foi influenciado por esse direcionamento a dois diferentes tipos de interlocutores: um interlocutor potencial, mas ainda desconhecido, e outro interlocutor que já se apresentou através do gênero discursivo carta pessoal².

O projeto “Intercâmbio através de cartas”, que dá origem ao *corpus* desta pesquisa, foi inicialmente desenvolvido em 2008 e 2009, no então CEFET-RS, na cidade de Bento Gonçalves, RS (hoje IFRS – Campus Bento Gonçalves). Naquela ocasião, participavam do projeto os alunos dos 1º e 2º anos dos cursos técnicos integrados do Câmpus Bento Gonçalves, que escreveram para alunos da Espanha, Uruguai e Paraguai. Em 2012, com o incentivo e apoio do professor Dr. Fabrício Alexandre Gadotti, o projeto passou a ser desenvolvido no Campus Florianópolis do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), com alunos da 2ª fase do ensino médio integrado.

O professor Dr. Fabrício Alexandre Gadotti, atual coordenador do “Projeto Intercâmbio através de cartas”, ampliou o número de países participantes, a partir do uso do ambiente virtual de aprendizagem EDMODO, através do qual o professor vem contatando professores de língua espanhola de outros países. Até o momento, o projeto viabilizou o intercâmbio através do gênero discursivo carta pessoal com os seguintes países: Espanha, Uruguai, Paraguai, Argentina, Estados Unidos, França, Itália, Porto Rico e Equador.

O projeto surgiu com o objetivo de incentivar a expressão escrita em língua espanhola, oportunizar para os autores um leitor real, colocar os alunos em contato com o gênero discursivo carta pessoal e fomentar um intercâmbio cultural a partir da troca de textos autênticos com alunos dos mais diversos países cujas instituições de ensino ofereçam o ensino da língua espanhola.

Durante a elaboração do presente artigo constatou-se que há escassa literatura que discorra sobre o gênero discursivo carta pessoal. Salvo esparsos trabalhos (BUNZEN, 2004; TEIXEIRA, 2011; GALVÃO, 2013), o gênero carta pessoal tem recebido pouca atenção de estudos recentes, o que se pode dever à sua substituição por gêneros de meios digitais. Silva (2002), ao discorrer sobre o gênero carta pessoal, afirma que “como os demais gêneros epistolares encontra-se ainda em uso na nossa cultura”. Entretanto a autora explica que dentre as “cartas que circularam no mundo [em 2001] apenas 8%, eram cartas pessoais”, fato que está em consonância com a sociedade contemporânea, globalizada e midiática, pois, conforme Souza e Pereira (2012, p. 10):

As tecnologias analógicas eram mais lentas e duradouras; as digitais, instantâneas e até mesmo efêmeras. O tempo encurtou e, conseqüentemente, a necessidade de se produzir ou obter algo com rapidez e precisão acompanha o desenvolvimento tecnológico. O novo momento digital exige uma velocidade para certas atividades que não era possível antes.

Como qualquer outro gênero discursivo, a carta pessoal constitui um espaço para um projeto de dizer com especificidades. O gênero carta pessoal pressupõe: escrita predominantemente manuscrita em papel; endereçamento a um destinatário sobrescrito no envelope; necessidade de selo; postagem e – o aspecto mais contrastante em comparação com os gêneros que fazem parte da nossa prática social atual de comunicação – longo tempo entre a postagem e a chegada da carta ao seu destinatário. Essa última particularidade do gênero carta oportuniza aos interlocutores vivenciar uma expectativa diferente das práticas de linguagem hodiernas, pois vivemos numa sociedade na qual a instantaneidade da comunicação através das mídias eletrônicas nos permite interação com rapidez muito maior, como afirma Souza e Pereira (2012, p. 15):

Hoje, as transmissões por e-mail são quase instantâneas. O receptor, se estiver conectado à Internet e com um software de recebimento de e-mails ativo, e em condições favoráveis de

velocidade de conexão, tem conhecimento da emissão da mensagem em poucos segundos.

Em nossos dias, mesmo a comunicação via e-mail já não é um bom exemplo de rapidez. Serviços de mensagens instantâneas, como o Whatsapp, trazem para a comunicação praticamente a mesma simultaneidade da fala. Essas mudanças na comunicação pela escrita estão recrutando novos modos de enunciar-se e novos gêneros discursivos através de suportes como *blogs*, correio eletrônico, aplicativos de mensagens instantâneas, *videoblogs* e outros que a tecnologia ainda disponibilizará e que criarão novas regularidades nas formas de dizer ou enunciar-se. Segundo Souza e Pereira (2012, p. 10):

O desenvolvimento tecnológico digital, especialmente da Internet, provocou um aumento considerável na criação e modificação dos gêneros textuais com os quais o homem teve de ocupar-se, para dar conta dos procedimentos a eles associados

Dentro desse contexto, o projeto “Intercâmbio através de cartas” propicia uma vivência diferente das práticas sociais de linguagem convencionadas pelos meios eletrônicos. No projeto “Intercâmbio através de cartas”, optou-se pelo gênero carta pessoal como meio de interação comunicativa entre os alunos do IFSC e alunos de outros países, com o objetivo principal de oferecer aos alunos um interlocutor para textos que não fosse unicamente o professor ou os colegas de classe. Visava-se também proporcionar aos alunos uma experiência enunciativa que não corresponde, em geral, às práticas de linguagem dos jovens que se movimentam na atual comunidade escolar do Instituto Federal, bem como familiarizar os alunos com todos os aspectos envolvidos na comunicação através de cartas, em conformidade com o que menciona Silva (2002, p. 64):

Particularmente, no caso da rede comunicativa do mundo postal, para que se efetive uma interação a distância, há um aparato tecnológico por traz dessa ação que vai desde o uso do papel, caneta, envelope, passando pela postagem, o arquivamento/empacotamento na agência de origem, a circulação das malas postais – por avião, trem, barco, ônibus e Internet –, chegando à distribuição, cuja realização se dá pela ação do carteiro.

Talvez o aspecto mais interessante na escolha do gênero carta pessoal para fins didáticos tenha sido justamente o tempo que se pode dedicar à (re)elaboração do texto. Em contraste com as tecnologias eletrônicas, que permitem aos interlocutores esclarecer dúvidas sobre os enunciados por eles produzidos praticamente em tempo real, a carta pessoal demanda uma elaboração do projeto de dizer mais cuidadosa, pois é um gênero que não permite instantaneidade na retomada de enunciados incompreensíveis. Assim, a escrita de cartas demandará mais atenção quanto à clareza do projeto de dizer do autor, tanto pela razão já mencionada quanto pelo fato de que o aluno escreverá numa língua estrangeira, no caso a língua espanhola. Esse gênero insere o aluno numa prática de linguagem que

contribui para o ensino e aprendizagem de língua espanhola, em conformidade com o que preconiza Bakhtin (2006):

Um método eficaz e correto de ensino prático [ensino de línguas estrangeiras vivas] exige que a forma seja assimilada não no sistema abstrato da língua, isto é, como uma forma sempre idêntica a si mesma, mas na estrutura concreta da enunciação [enunciado], como um signo flexível e variável (BAKHTIN, 2006, p. 95).

Em consonância com esse pressuposto, o trabalho com o gênero carta deu para os alunos um interlocutor, uma razão para dizer e tem-se mostrado uma estratégia relevante no ensino da língua espanhola, uma vez que o aluno se constitui autor a partir do uso da língua espanhola em situação concreta de enunciação. Além disso, a escolha do gênero impõe uma maneira de se enunciar que diferente daquela empregada pelos gêneros discursivos dos meios digitais com os quais eles estão familiarizados.

Como já mencionado, o *corpus* desta pesquisa são cartas enviadas para a cidade de Assunção, no Paraguai, e para a cidade de Carrara, na Itália. As cartas enviadas para o Paraguai tiveram um interlocutor médio, um aluno da Escuela Técnica Fernando de la Mora, na cidade de Assunção. Os alunos brasileiros escreveram a partir da proposta de que as cartas seriam entregues a alunos paraguaios para que estes respondessem valendo-se do mesmo gênero discursivo. É pertinente ressaltar que os autores das cartas são voluntários. A oportunidade de escrever cartas é oferecida na aula de língua espanhola com o incentivo para que todos participem desta modalidade de gênero discursivo, mas apenas os alunos que manifestam o desejo de escrevê-las são os que efetivamente produzem os enunciados no gênero discursivo carta pessoal.

As cartas escritas para a Itália tiveram um interlocutor específico. Os mesmos cinco alunos que escreveram para o Paraguai receberam uma carta de um aluno da Itália e a responderam. Portanto, a segunda situação de enunciação foi uma resposta para um interlocutor que já havia se enunciado. Com base no contexto apresentado, pretende-se investigar como a variação de interlocutor influencia o projeto de dizer do aluno no que diz respeito ao tom do enunciado. Essa variação de interlocutor oportuniza a seguinte questão de pesquisa: **A partir da percepção de diferentes interlocutores, como o autor amolda o seu enunciado produzindo variações no tom?**

Embora a parte verbal do enunciado, para Bakhtin, compreenda composição, conteúdo semântico-objetal (ou conteúdo temático) e estilo, esta pesquisa pretende lançar um olhar sobre os dois últimos desses aspectos, fazendo um recorte que abre mão da composição, por assumirmos que esta não variará significativamente com o interlocutor. Por outro lado, alguns aspectos da parte extraverbal do enunciado serão examinados, notadamente, o tipo de interlocutor e o tom emotivo-volitivo, que é o foco desta análise.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme já mencionado, o termo *autor* foi escolhido em consonância com a concepção bakhtiniana de linguagem, e aqui esse autor é o aluno que se enuncia e assume a responsabilidade pelo seu dizer a partir da sua posição sociodiscursiva. Conforme Amorim (2006),

O autor ocupa um lugar singular e único que o constrange a se responsabilizar, face ao outro, pelo seu pensamento. Ao assinar o seu pensamento ou sua obra, o autor a torna não-indiferente: dotá-lo de valor no contexto. (AMORIM, 2006, p. 95-114)

A responsabilidade pelo seu dizer é uma posição discursiva que o autor assume a partir de sua posição histórica e socialmente construída, marcando a sua “participação como sujeito no mundo” (SILVA FILHO, 2013, p. 3) e, ao mesmo tempo, é uma posição discursiva na qual a presença do outro se manifesta no momento em que o autor se enuncia para um interlocutor representado e antecipado, porque, em consonância com Silva Filho (2013, p. 57), “[a] relação com o outro é constitutiva do homem tanto na dimensão social e ideológica, quanto nos seus aspectos psíquicos. Viver é estar em diálogo.”

Este diálogo só é possível porque autor e interlocutor ocupam diferentes posições discursivas expressas na linguagem, a partir dos enunciados produzidos e dirigidos entre os participantes como uma ponte lançada entre o autor e o interlocutor, representando uma fração, um elo, na cadeia complexa e contínua da comunicação discursiva (RODRIGUES, 2001; SILVA FILHO, 2013).

O autor de qualquer enunciado ocupa um lugar na esfera da comunicação discursiva. Especificamente, no presente trabalho, esse autor social e historicamente constituído é um aluno que se movimenta num contexto institucional e, ao mesmo, um jovem adolescente que constrói enunciados na tentativa de se fazer representar frente ao outro, seu interlocutor, e irá constituir seu estilo ao autorar (OLIVEIRA; QUEIROZ; BARBOSA, 2017), uma vez que autorar é também assinar, no sentido de assumir uma posição singular na interação discursiva (SILVA FILHO, 2013).

Conforme Possenti, é impossível conceber a noção de autor “sem considerar de alguma forma a noção de singularidade, que, por sua vez, não poderia escapar de uma aproximação – bem-feita – com a questão do estilo”, (POSSENTI, 2002, p. 108). Ao imprimir no seu enunciado as marcas de pessoalidade, o autor delinea as singularidades do seu estilo, além de fazer pressuposições acerca do seu interlocutor, quer na tentativa de estabelecer um primeiro contato com outro jovem aluno que ele sabe que vai receber sua carta no Paraguai, quer na tentativa de corresponder ao primeiro contato com seu interlocutor que já se apresentou para ele através de uma carta pessoal enviada da Itália.

O autor materializa o seu projeto de dizer através do enunciado, o qual é dirigido ao outro. No presente artigo temos dois tipos de enunciados, um dirigido a um interlocutor sobre o qual o autor ainda não teve nenhum contato enunciativo e outro dirigido a um interlocutor que já apresentou para o autor através do gênero discursivo carta pessoal. É pertinente destacar que, independentemente dessa variação, o interlocutor está presente no enunciado do autor, pois, como afirma Bakhtin, “a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro” (BAKHTIN, 2003, p. 314-315), razão pela qual o interlocutor tem um papel relevante na elaboração do enunciado do autor. Mas a presença do outro, do interlocutor no enunciado não se dá apenas pelas réplicas no diálogo *stricto sensu*. O dialogismo bakhtiniano prevê que a simples presença do outro, com seus valores e metas, na interação discursiva, é elemento a amoldar o enunciado. Mesmo que esse outro não seja um indivíduo específico, mas um representante de um dado grupo social, ele será constitutivo do enunciado:

No contexto social da interação, é especialmente relevante o direcionamento a um interlocutor como elemento a determinar os contornos da enunciação. Mesmo que não haja um interlocutor real, este será substituído pelo representante médio do grupo social a que pertence o locutor. O locutor levará em conta também o *horizonte social* de sua época e do grupo social a que pertence, o qual estabelece os contornos para a criação ideológica. (SILVA FILHO, 2013, p. 19).

Na interação discursiva, o autor constrói seu enunciado prevendo e delimitando as possibilidades de reação-resposta do outro. O enunciado materializa as intenções do sujeito na interação. Entre as intencionalidades, estão, por exemplo, garantir a continuidade da interação, provocar uma reação física ou emocional, obter anuência, etc. Para isso, o autor precisa conferir ao seu enunciado um acabamento, certos limites que permitam ao interlocutor fornecer uma reação-resposta. Silva Filho (2013) destaca o direcionamento do enunciado à reação-resposta do interlocutor e aponta o acabamento como a finalização provisória que permite essa reação-resposta:

Como cada enunciado é sempre dirigido à compreensão responsiva de um interlocutor, é preciso que seu fim seja marcado de alguma forma, a fim de permitir a resposta do outro, seja ela verbal, seja na forma de um ato físico, seja mera aquiescência silenciosa. Assim, qualquer enunciado, desde uma réplica no diálogo até um romance, tem um princípio e um fim absolutos, sendo que antes do início há os enunciados de outros e depois do fim há os enunciados responsivos de outros (ainda que na forma de uma compreensão silenciosa, ou uma ação motivada por essa compreensão). (SILVA FILHO, 2013, p. 48).

O gênero discursivo carta pessoal pertence, a princípio, a esfera do cotidiano, o que implica certo grau de espontaneidade, liberdade e subjetividade, como afirma Silva (2002, p. 157-158):

[...] são vários os aspectos na construção dos textos epistolares que expressam um caráter de informalidade. Um dos mais evidentes que se anuncia logo na abertura da carta são as fórmulas de tratamento que revelam proximidade, intimidade, afeto, etc. Nessa sequência, encontram-se as gírias, que, estrategicamente, assinalam a ausência de formalismo da interação. A abundância das abreviaturas, de igual modo, indica uma escrita econômica, que prescinde das formalidades esperadas, por exemplo, em eventos das correspondências oficiais. E, por fim, no processo de edição, os reparos detectados na superfície do texto, os desenhos, a escrita feita na margem do papel, dentre outros traços, põem à mostra que o jogo dialógico que se estabelece nas cartas é constituído por um conjunto de normas que buscam acentuar um contato pautado na descontração, na espontaneidade, na intimidade/proximidade. Assim, nesse jogo, o escrevente, porque conhece o seu interlocutor (ou quer conhecê-lo mais de perto), pela escrita, vai-se mostrando a ele.

Entretanto, é preciso considerar que, ainda que o caráter informal seja próprio da carta pessoal, ao deslocarmos o referido gênero discursivo para a escola, entende-se que essa espontaneidade pode ser arrefecida pela relativa formalidade das práticas de escrita da esfera escolar, uma vez que a interação acontece a partir de um projeto institucional que insere os alunos em uma prática discursiva específica. Portanto é possível que o contexto da esfera escolar influencie a elaboração do projeto de dizer dos autores, resultando em algumas regularidades na composição dos enunciados e interferindo na espontaneidade. Destacamos que o contexto sócio-histórico é um dos aspectos que interfere nos enunciados, como afirma Rodrigues (2001, p. 103): “cada gênero está assentado num diferente cronotopo: uma organização particular do tempo, do espaço e do homem sócio-históricos, ou seja, compreende uma situação social de interação particular (no sentido de que se diferencia das outras)”.

O gênero carta pessoal já pressupõe um estilo característico, que é próprio do gênero. Mas, para além das marcas estilísticas associadas ao gênero, pretendemos analisar o estilo que os autores imprimiram nos seus enunciados, na tentativa de verificar se houve variações estilísticas associadas aos dois tipos de interlocutores aqui considerados, com conseqüente variação no tom. Ao discorrer sobre o estilo Bakhtin (2003) afirma que:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (BAKHTIN, 2003, p. 280)

Como destaca Bakhtin (2003), o enunciado é individual, razão pela qual cada autor tem a prerrogativa de nele imprimir seu estilo, seu conteúdo expressivo, a sua intencionalidade e valoração, materializadas num tom. Os enunciados adquirem sentido a partir da valoração do autor (SILVA FILHO, 2013). O tom que pretendemos investigar nos enunciados se refere aos aspectos emotivo-volitivos e está relacionado “às possibilidades e aos seus estados internos [do autor] – dor, prazer, paixão, satisfação, etc.” (BAKHTIN, 2003, p. 66). A noção de tom é central na obra bakhtiniana e é referida de variadas formas nas obras de Bakhtin e do Círculo:

[...] onipresente em toda a obra bakhtiniana, a noção de *valor* aparece associada a diferentes denominações nas várias obras do Círculo: *tom emocional-volitivo* e *centro de valor*, em *Para uma filosofia do ato responsável*; *entonação expressiva*, em “Os gêneros do discurso”; *entonação* e *índice social de valor* em *Marxismo e filosofia da linguagem*; *entoação* ou *entonação* em “Discurso na vida e discurso na arte”; *ponto de vista* em *Problemas da poética de Dostoiévski*; *avaliação*, *apreciação*, *orientação* e *horizonte social*, *acento* e *tonalidade*, distribuídos nas obras [...]. Toda abordagem pelo discurso ao objeto é sempre valorada. O tom emocional-volitivo, que marca a relação do sujeito com o objeto, é inseparável dessa relação. Não é possível a neutralidade do sujeito frente ao mundo. (SILVA FILHO, 2013, p. 71-72)

A palavra é o instrumento com o qual o autor constrói seus enunciados. Ela pode refratar o significado que o autor determina, seu juízo de valor. É através da palavra que o autor imprime o tom com o qual se dirige ao seu interlocutor. No dizer de Bakhtin:

O tom emotivo-volitivo apesar de ser vinculado à palavra e como que fixado à sua imagem fônico-entonacional, não se refere, claro, à palavra, mas ao objeto expresso pela palavra, mesmo que este não se realize, na consciência, na forma de imagem visual; apenas o objeto possibilita pensar o tom emocional, mesmo que este se desenvolva junto com a acústica da palavra. (BAKHTIN, 2003, p. 109-110).

O tom ou entonação, que marca a relação do falante com o enunciado (SILVA FILHO, 2013, p.367) também constitui um aspecto relacionado à subjetividade do autor e é influenciado pela forma como este constrói ou representa o seu interlocutor. Visto que iremos analisar enunciados dirigidos a diferentes tipos de interlocutores, é possível que o autor sinalize diferentes variações de tom ao escrever suas cartas para diferentes destinatários.

Conforme já explicitado no início desse artigo, o interlocutor ocupa um papel fundamental na execução do projeto que gerou o *corpus* para a presente análise, uma vez que o interlocutor real é o que o projeto propõe oportunizar para os autores das cartas. Acredita-se que a presença do interlocutor é um dos elementos que determinará o projeto de dizer do autor e que ele participa na produção de sentidos dos enunciados. Destacando a importância de se olhar para o interlocutor, Rodrigues afirma que “para a compreensão da expressividade do enunciado, tem-se necessidade ainda de considerar a atitude do falante a respeito do interlocutor” (RODRIGUES, 2001, p. 36).

Tendo em vista o papel do interlocutor no processo de construção dos enunciados do autor, a análise das cartas espera encontrar peculiaridades no tom com que o autor se dirige a diferentes interlocutores, conforme já explicado. Investiga-se se o direcionamento do enunciado a um interlocutor médio ou um interlocutor já definido tem implicações na elaboração do projeto de dizer do autor.

3 ANÁLISE DAS CARTAS PESSOAIS

Na análise a seguir, compara-se, para cada autor, a carta dirigida ao interlocutor médio, do Paraguai, com a carta dirigida ao interlocutor específico, escrita como resposta à carta recebida da Itália. Apesar de a análise visar essencialmente ao tom, este, por ser extraverbal, não pode ser acessado diretamente no enunciado material, no texto. Para ter acesso ao tom, analisamos o conteúdo semântico-objetual das cartas e o estilo, materializado especialmente em escolhas morfológicas e lexicais. Como forma de manter o anonimato dos cinco autores, optamos por identificá-los com os códigos A1, A2, A3, A4 e A5. Os trechos extraídos das cartas são sempre apresentados em itálico. Os grifos, em sublinhado, foram acrescentados na análise.

3.1 AUTORA A1

A1 assim se dirige ao interlocutor médio, do Paraguai: “*¡Hola colega paraguayo(a)! ¿Qué tal estás?, ¿Todo bien?*”. Os recursos fraseológicos empregados revelam um tom amistoso, que chama o seu interlocutor para a interação. Ao

discorrer sobre a sua realidade escolar, a autora se vale de um tom bem-humorado ao dizer: *“(ahora es el momento em que te arrepientes porque tu pegó justamente a empollón del Brasil)... jajaja bromas a parte”*. A escolha lexical “*empollón*”, uma gíria que equivale a “CDF”, ou “caxias”, contribui para o tom amistoso e de bom-humor. Ademais ao usar ironicamente “*te arrepientes*”, ela busca prever a reação-resposta do interlocutor e vai procurando construir uma relação de intimidade e afetividade, marcada pela leveza e humor.

O mesmo tom de busca de proximidade afetiva vai se revelar no restante da carta, mediante o uso da segunda pessoa em sua variante mais informal, com predomínio de formas verbais e pronomes do “tú”³: *“Cuantos años tienes? Te gusta⁴ los libros?”*. Uma sequência de cerca de vinte perguntas sobre as características pessoais, gostos, hábitos e opiniões do interlocutor também contribui para esse tom geral de busca de proximidade afetiva, que é a dominante em toda a carta. Quase ao final da carta, três construções perifrásticas bastante polidas revelam o desejo de construir a amizade a partir de uma submissão humilde à vontade do interlocutor: *“¡Espero que no le importe responder a mis preguntas! Se quieres, podemos llegar a ser amigos (as); Te sientas a vontade a hacerme preguntas (acerca de cualquier tema tambien)”*⁵.

Na resposta de A1 à carta da Itália, o mesmo tom de busca de proximidade afetiva vai se revelar desde o início, no uso da segunda pessoa com “tú” e no tratamento “amiga”: *“¡Hola, amiga, estoy bien gracias! ¿Y tu?”*. Como na primeira carta, o conteúdo temático são informações pessoais, o que reforça o tom geral de busca de proximidade. Porém, se na outra carta A1 buscava, mediante perguntas, informações sobre seu interlocutor, nesta ela responde perguntas que lhe fez a correspondente italiana, Beatriz. Quase ao final da carta, A1 busca estabelecer um elo indireto com a correspondente mediante um possível elemento comum à realidade de ambas: A1 informa Beatriz que sua irmã teve um breve relacionamento com um rapaz italiano, de sobrenome Bianchini. Então, pergunta a Beatriz se conhece alguém com esse sobrenome e lhe pede que pergunte se alguém sabe. Em termos objetivos, é ínfima a relevância de ambas as informações (o sobrenome de um relacionamento da irmã de A1 / Beatriz conhecer alguém com esse sobrenome). Mas, discursivamente, a criação de uma base de vivência comum com Beatriz importa a A1, na construção da relação de proximidade.

Por fim, é interessante observar que, nesta segunda carta, as fórmulas de polidez são deixadas de lado, em favor de uma linguagem mais direta: *“Pregunta si alguien sabe. ¡Me haga preguntas!”*. Isso sugere que A1 reconhece na relação com Beatriz maior proximidade e que o tom respeitoso já não é necessário. Assim, é possível que a representação que a autora teve dos interlocutores tenha influenciado a diferença nas cartas, porque, como afirma Brait, “o estilo também depende do tipo de relação existente entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal, ou seja, o ouvinte, o leitor, o interlocutor próximo e o imaginado (o real e o presumido)” (BRAIT, 2006, p. 89).

3.2 AUTORA A2

Nas cartas de A2 predomina conteúdo temático centrado na sua apresentação pessoal, preferências e família. Nos dois primeiros parágrafos da carta dirigida ao interlocutor médio, o tom é predominantemente objetivo, exceto pela forma verbal “*encanta*”, afetivamente mais marcada que o sinônimo “*gusta*”: “*me encanta casi todos los tipos de música*”. Somente no último parágrafo as escolhas lexicais revelam um tom mais pessoal: “*Soy buena chica, comunicativa, alegre, lleno de sueños y uno es viajar por el mundo*”. E é também somente no último parágrafo que aparece a segunda pessoa do discurso: “*Espero que tenes disfrutado de mi breve presentación*”.

Na carta para a Itália, o tom é um pouco menos impessoal que na primeira, o que se reflete desde o início, no uso da segunda pessoa: “*¿Como estás?*” e no uso de “*amo*”, em vez do sinônimo afetivamente mais neutro “*me gusta*”: “*amo la naturaleza*”. Mais abaixo, ocorre também o adjetivo “*increíble*” a dar um tom emotivamente mais intenso ao texto: “*una madre increíble*”.

Sabendo que sua interlocutora é uma jovem, A2 busca uma base comum de vivência ao direcionar o conteúdo temático para o que, convencionalmente, se tem como coisas do universo feminino: “*A mi me gusta mucho [...] ir de compras (el maquillaje y la ropa) y hacer las cosas de familia*”. Essa tentativa de trazer para o enunciado elementos de vivência compartilhados contribui para o estabelecimento de um tom de busca de proximidade afetiva.

No parágrafo seguinte, o uso da segunda pessoa e de um item lexical menos neutro, “*muy encantada*”, também sugerem menor impessoalidade e maior busca de contato afetivo. No mesmo parágrafo, o tom de busca de proximidade revela-se também na locução “*con impaciencia*”: “*Estoy muy encantada con su carta, espero con impaciencia su respuesta*”.

Em ambas as cartas, A2 fornece ao interlocutor o endereço no serviço de relacionamentos Instagram. Na segunda carta, A2 utiliza uma fórmula de despedida não usada na primeira – “*Un abrazo*” –, que também serve para tornar o tom menos impessoal.

3.3 AUTORA A3

Na carta de A3 ao interlocutor médio, de Assunção, prevalece um tom bastante impessoal. No cumprimento inicial e quase ao final da carta, contribui para um tom protocolar o uso de “*(a)*” para tornar o direcionamento do enunciado adequado a ambos os gêneros: “*Hola amigo (a)*”; “*Bueno, amigo (a)*”. Assim, o tom de maior proximidade afetiva provocado pela escolha do substantivo “*amigo*” acaba por ser atenuado.

Ao longo da carta, a autora alista suas características e preferências pessoais de forma essencialmente objetiva, sem utilizar itens lexicais que remetam a um tom mais emotivo. É exceção o uso da locução adverbial “*con interés*”: “*espero con interés recibir su carta*”. A segunda pessoa do discurso aparece uma única vez na carta, e ainda na variante mais formal (usted): “*espero con interés recibir su carta*” (grifo nosso)

Ao longo da carta, A3 só fala de si própria. Não há qualquer direcionamento do conteúdo temático para algum elemento do universo do interlocutor.

Na carta para a Itália, o tom é menos bem menos impessoal. Sabendo que se dirige a um interlocutor do sexo masculino, Nicolás, A3 abre a carta com “*Hola Amigo*”. Em seguida, pergunta como o interlocutor está “*?Como está usted?*”. É interessante observar-se que A3 torna a usar a forma de segunda pessoa mais formal (usted): “*ya que es donde usted vive*”; “*fue un placer recibir su carta*”.

Da mesma forma que A1 e A2, na carta para a Itália, A3 também busca incluir no conteúdo temático elementos do universo do interlocutor, como forma de buscar proximidade afetiva. Assim, traz para o enunciado a comida típica pizza e a cidade de Roma: “*Mi comida favorita es la pizza. !Amo pizza! creo que la pizza em Italia es maravillosa!*”. Ao mesmo tempo, A3 mobiliza a informação de que sua avó era “*muy italiana*”. Observa-se, neste trecho, a inclusão de pontos de exclamação, a marcar um tom de maior envolvimento afetivo.

3.4 AUTOR A4

As cartas escritas por A4 são bem mais longas que as demais que compõem o *corpus* deste estudo e também ostentam maior complexidade em termos de conteúdo temático. Na carta para Assunção, A4 começa por fazer algumas considerações sobre a comunicação por carta, comparando-a à comunicação pelas tecnologias eletrônicas: “*Hola, interesante forma de contacto. ¿no crees? [...] por supuesto la tecnología ayuda mucho, pero no hay la excitación de ver la carta de otra persona [...] Y la emoción de abrir la carta, mirar su nombre y preguntarse que hay dentro, puede hacer cualquier cosa*”. A seguir, critica o uso das redes sociais: “[...] *pero las redes sociales son muy deplorables, el lugar donde tanto el mundo pretende tener una vida perfecta, eliminan cualquier falla que tiene. Ir a restaurantes caros y comprar alimentos chicos sólo para publicar una foto de ella para que todos puedan ver que tan refinada es la persona*”. Ao optar por apresentar suas ideias sobre o mundo, em vez de limitar-se a informar fatos sobre si próprio, A4 busca construir para o interlocutor uma imagem de si próprio como alguém que pensa, que filosofa sobre a existência. E faz isso visando à aprovação do outro. Como destaca Bakhtin, ao falar sobre o desejo do herói de ser amado,

Meu corpo, meu aspecto externo, meu traje, toda a série de pormenores internos e externos da minha alma, os pequenos

detalhes da minha vida que não podem ter valor e refletir no contexto heróico-histórico – na humanidade, na nação (tudo o que, do ponto de vista histórico, é insignificante e só tem atualidade no contexto da minha vida) –, tudo isso recebe um peso valorativo, um sentido e ganha forma na consciência amorosa do outro; todos os elementos estritamente privados são ordenados e governados por aquilo que desejo ser na consciência do outro, pela minha imagem presumida que construí a partir dos valores dessa consciência [...]. (BAKHTIN, 2006, p. 172).

Além de apresentar ao interlocutor as visões de mundo de A4, esses conteúdos visam a alimentar tematicamente futuras interações.

A seguir, A4 dá algumas informações sobre as praias e o ambiente urbano de onde vive (Florianópolis) e se refere a um mapa que anexou à carta, no qual marcou o local onde vive e o local onde estuda. Uma referência ao universo do interlocutor é feita quando A4 lembra que no Paraguai não há praias, mas rios: *“lo se que en Paraguay no hay playas, solo ríos como el río Paraguay y Acaray”*.

Depois, A4, baseado no fato de que a escritura e a leitura da carta se dão em momentos e locais distintos, elabora algumas ideias sobre espaço-tempo. Novamente, trata-se de assunto que pode subsidiar as próximas interações. E também é uma estratégia de A4 para obter aprovação do interlocutor. Essa necessidade de aprovação fica mais evidente quando A4 fala de si mesmo: *“hay varias cosas que me gustan, pero lo principal es estudiar, yo adoro el conocimiento en sí mismo, es algo increíble para mí”*.

A4 finaliza a carta com uma espécie de desafio ao interlocutor. Mediante a resolução de um trecho em código Morse, o interlocutor poderá descobrir o nome, o sexo, a idade, a raça e a cor dos olhos de A4. Novamente, A4 busca construir para si, junto ao interlocutor, a imagem de alguém que tem conhecimento e que o valoriza.

O tom utilizado por A4 é bastante pessoal, marcado pelo uso frequente da segunda pessoa do discurso, em geral na variante menos formal (tú): *“no sé se no lo hayas visitado”; “Si quieres entender un poco cómo estoy pensando”; “cuando envíe más información de tu yo podría enviar más”*. Também se percebe, ao longo de toda a carta, uma série de escolhas lexicais que conferem ao texto um tom mais emotivo: *“pero las redes sociales son muy deplorables”; “¿no es increíble? Quizá para ti no se la gran cosa, pero para mi es demasiado, me encantan esos fenómenos que afectan el espacio-tiempo”*.

A carta de A4 para a Itália, tematicamente, aproxima-se das demais cartas do nosso *corpus*, pois nela A4 essencialmente fala sobre si, sobre a cidade e sobre a escola. Aparentemente, a necessidade de responder a carta recebida da Itália orienta o conteúdo temático nessa direção. Assim é que A4 primeiramente se descreve fisicamente. Depois dá informações sobre Florianópolis. Em seguida, faz uma

pequena digressão sobre o fato de que a carta viajará milhares de quilômetros até ser lida pela interlocutora italiana (Benedeta). A seguir, A4 dá, sucessivamente, informações sobre sua família, escola e um pouco da rotina diária.

Depois, como na carta anterior, fala sobre seu gosto pelo conhecimento, traça considerações sobre a diferença entre a comunicação por carta e mediante as novas tecnologias, basicamente repetindo o que já havia escrito na carta para o Paraguai. Comenta também brevemente o significado do nome Benedeta e diz que o considera bonito, o que revela um tom de busca de proximidade afetiva.

Em seguida, A4 lista algumas canções de que gosta e faz uma série de perguntas, visando a alimentar tematicamente as próximas interações. “¿Qué piensas hacer en el futuro? ¿Qué carrera quieres seguir? [...] ¿Vivirías en Brasil? ¿Qué crees de Florianópolis? [...]”.

Como na carta anterior, A4 usa a segunda pessoa do discurso em sua variante menos formal (tú) e usa alguns termos que conferem à carta um tom mais emotivo, menos distante: “*Con los estudios me divierto muchísimo*”; “*yo adoro el conocimiento en si mismo, es algo increíble para mí.*”

É mais evidente nesta carta que na anterior o movimento de buscar proximidade afetiva pela referência a elementos do universo do interlocutor: “¿Vives acerca de la Torre di Castruccio Castracani?”; “*dijiste que [te] gusta el rap*”; “*Benedita, su nombre em portugués es algo como ‘bien dicha’ es un nombre muy hermoso, lo felicito.*” Esse tom de proximidade também se revela no uso de imperativos: “*escuche la banda ‘Mamboap’*”; “*Envíame algunas canciones.*”

3.5 AUTOR A5

Em ambas as cartas de A5, não ocorre uma vez sequer o uso da segunda pessoa do discurso. Basicamente, A5 dá informações sobre si próprio, sobre a cidade de Florianópolis e, no caso da carta para o Paraguai, sobre o Brasil. Porém o tom não é totalmente impessoal, devido a certas escolhas lexicais que traduzem emotividade e devido ao uso de alguns pontos de exclamação. Na carta para o Paraguai, temos: “*La ciudad es la capital de la Provincia de Santa Catarina, que tiene 42 playas, mucha vegetación y un hermoso cielo*”; “*Mi sueño es saltar de paracaídas y viajar por el mundo! Yo soy un apasionado por Suiza, es un país maravilloso! [...] me encanta la nieve y el frío.*”. Na carta para a Itália, “*Mi sueño es saltar de paracaídas y viajar por el mundo! [...] me encanta la nieve y el frío. [...] La ciudad donde vivo [...] tiene 42 playas, mucha vegetación y un hermoso cielo*”; “*Hasta la vista!!*”. As cartas de A5 foram as únicas a não apresentar diferenças perceptíveis de tom entre si.

Os resultados obtidos a partir da análise que se desenvolveu nos textos do *corpus* deste estudo sugerem que a variação dos tipos de interlocutor proposto para a produção do gênero carta pessoal provoca diferenças no tom. As cartas escritas para jovens na cidade de Carrara, Itália, revelam um tom emotivamente mais rico e uma busca de maior proximidade afetiva, tendo em vista que os autores se enunciam para um interlocutor mais claramente representado. Em contrapartida, as cartas escritas para os jovens na cidade de Assunção, Paraguai, mostram maior distanciamento afetivo. Os enunciados a eles dirigidos revelam um tom mais protocolar, provavelmente porque estes interlocutores foram identificados apenas como alunos de uma escola profissionalizante de nível médio, sem nenhuma outra informação pessoal ou concreta.

Embora nosso foco tenha sido o tom, ficou evidente na análise que, independentemente de os autores terem escrito para interlocutores reais ou interlocutores médios, o fato de terem um projeto de dizer para um interlocutor no mundo real estimulou uma produção escrita mais significativa para os autores. Eles tinham consciência de que suas produções epistolares chegariam às mãos de um interlocutor jovem e puderam orientar seu projeto de dizer quer se baseando num interlocutor previamente apresentado, quer conjecturando acerca do interlocutor médio.

Em termos pedagógicos, os resultados obtidos reforçam a necessidade, na proposição de atividades de produção de texto, de buscar interlocutores reais, ou mesmo médios, a quem os alunos possam dirigir seus enunciados. Sendo o interlocutor constitutivo do enunciado, interlocutores reais se prestam melhor à construção de autoria – que se expressa, entre outras formas, no tom do enunciado. Mas os interlocutores médios, como se viu, também ajudam a orientar o tom.

Reconhecemos a limitação do tamanho do *corpus* da presente pesquisa. Também reconhecemos como limitante o fato de que os alunos, aos se expressarem numa língua da qual têm domínio incipiente, não conseguem mobilizar variedade tão grande de recursos estilísticos como fariam em língua materna. Assim, esperamos que o presente trabalho sirva para inspirar outras pesquisas com *corpora* maiores e direcionadas também à produção textual em língua materna.

Notas

1 À falta de uma forma específica para o neutro em nossa língua, usamos *autor*, *aluno*, etc., para nos referirmos genericamente tanto a indivíduos de sexo feminino quanto masculino. Entretanto, quando o gênero é identificável, usamos *autor* ou *autora*, *interlocutor* ou *interlocutora*, conforme seja o caso.

2 Por simplicidade de referência, chamaremos esse interlocutor potencial de *interlocutor médio*, uma vez que o autor da carta, ao dirigir-se a ele, tem em mente certas características comuns ao grupo visado: falante de espanhol, adolescente, aluno de escola secundária, etc. Já o interlocutor de Carrara será chamado de *interlocutor específico*.

3 Na maioria das variantes do espanhol, o uso do pronome “tú” denota mais intimidade entre os falantes que “usted”.

4 Nos exemplos extraídos das cartas, eventuais desvios de concordância, regência e ortografia foram mantidos.

5 Observe-se que, numa linguagem mais seca e direta, teríamos, respectivamente: “*¡Responda a mis preguntas! Sea mi amigo(a)!*” e “*¡Hazme preguntas!*”.

Referências

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo. Contexto, 2006. P 97-114

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V.) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, Beth (org). **Bakhtin outros conceitos chave**. São Paulo. Contexto. 2006.

BUNZEN, Clecio. **Cartas pessoais nos manuais escolares: letramento escolar**. Intercâmbio, v. XIII, p. 1-8, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3979>. Acesso em: 5 out. 2017.

GALVAO, M. A. M. Observações acerca de interação gênero textual e plano de texto em cartas pessoais. **Linha D'Água**, v. 2, p. 185-220, 2013.

OLIVEIRA, Kalliane Sibelli de Amorim; QUEIROZ, Maria Eliete de; BARBOSA, Maria do Socorro M. Fernandes. Autoria e responsabilidade enunciativa em diários de leitura. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 150-168, abr. 2017

POSSENTI, S. Índícios de autoria. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p.105-124, 2002.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. 2001. 347f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SILVA FILHO, Vidomar. **A série didática Fontes: autoria e ato ético**. 2013. 422 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 2002. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SOUZA, Marco Aurélio Silva. PEREIRA, Maria das Graças Dias. O gênero e-mail institucional na construção de uma comunidade discursiva sociorretórica. **Entre Palavras**, v. 6, n. 1, p. 9-24, jan./jun. 2012.

TEIXEIRA, Cássia Regina. O ensino do gênero textual carta nas aulas de língua materna. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XV, n. 5, t. 3, 2011.

Para citar este artigo

RODRIGUES, Lucimary Gonsalves Bajon. O enunciado do aluno e a variação de tom no gênero discursivo cartas. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 1., JAN-JUN, 2018, p. 137-155.

A Autora

Lucimary Gonsalves Bajon Rodrigues é doutoranda no Programa de Pós Graduação em Linguística da UFSC e professora de Língua Espanhola no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).